

## ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

### Descolonialidade e Questão Ambiental Crítica: um debate à luz de Paulo Freire<sup>1</sup>

*Decoloniality and Critical Environmental Issue: one discussion in the light of Paulo Freire*

César Augusto Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Sociólogo. Doutor em Educação Ambiental/FURG. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil – E-mail: [csc193@hotmail.com](mailto:csc193@hotmail.com), ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7190-6606>

**Palavras-chave:**

américa latina; descolonialidade; Paulo Freire; questão ambiental.

**RESUMO:** A intenção deste texto é indicar algumas contribuições do pensamento descolonial através das interlocuções teórico-políticas de Paulo Freire para a questão ambiental crítica na América Latina (AL). Freire expressa de forma política em seu pensamento pedagógico uma concepção de filosofia educacional orientada pela finalidade da libertação. Sua pedagogia crítica descolonial têm no horizonte, a libertação daqueles sujeitos que habitam as periferias negadas pelo sistema-mundo moderno-colonial, a possibilidade do “vir a ser mais”. Desse modo, cabe situarmos a relevância política e pedagógica evidenciada de Paulo Freire em diálogo com o campo ambiental, uma vez que ele não se declarou um ambientalista, nem nunca produziu sobre o campo ambiental. Encontramos nesta interlocução, o caráter libertário na ação contrária e dialética do processo colonial, pois os espaços abertos entre a cultura dominante e a resistência da dominação são relevantes para essa discussão. O artigo está sistematizado em três momentos: no primeiro, introduziremos a discussão sobre a descolonialidade e a interlocução em Paulo Freire na AL. No segundo momento, refletiremos a relação entre descolonialidade e a questão ambiental à luz das aproximações em Freire. Nas considerações finais, explicitaremos as contribuições de uma perspectiva descolonial do educador brasileiro para o debate ambiental crítico.

**Keywords:**

latin america; decoloniality; Paulo Freire; environmental issue.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to indicate some contributions of decolonial thought through Paulo Freire's theoretical-political interlocutions to the critical environmental question in Latin America (LA). Freire expresses in his pedagogical thought a political conception of educational philosophy oriented by the purpose of liberation. His decolonial critical pedagogy has on its horizon the liberation of those subjects who inhabit the peripheries denied by the modern-colonial world-system, the possibility of "becoming more". In this way, we should situate the political and pedagogical relevance evidenced by Paulo Freire in dialogue with the environmental field, since he did not declare himself as an environmentalist, nor did he ever produce about the environmental field. We find in this interlocution, the libertarian character in the counter action and dialectic of the colonial process, since the open spaces between the dominant culture and the resistance to domination are relevant to this discussion. The article is systematized in three moments: in the first, we will introduce the discussion about decoloniality and the interlocution in Paulo Freire's AL. In the second moment, we will reflect on the relationship between

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto de algumas compilações sobre Paulo Freire e América Latina produzidas pelo autor.

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

decoloniality and the environmental issue in the light of Freire's approaches. In the final considerations, we will explain the contributions of a decolonial perspective of the Brazilian educator to the critical environmental debate.

## 1 O PENSAMENTO DESCOLONIAL NA AMÉRICA LATINA: A INTERLOCUÇÃO DE PAULO FREIRE

Neste artigo pretendemos, objetivamos situar algumas contribuições do pensamento descolonial através da interlocuções teórico-políticas de Paulo Freire para a questão ambiental crítica. Freire expressa de forma política o pensamento pedagógico e filosófico latino-americano, nos quais destaca-se uma concepção de filosofia e de educação orientada pela finalidade da libertação. Sinalizamos que o aprofundamento teórico de Paulo Freire permanece relevante, pois destacamos que:

Paulo Freire, tal como Dussel, situa-se entre os intelectuais latino-americanos. Latino-América situada no hemisfério sul do globo terrestre, que, desde 1492, vem, segundo Dussel (1992) experimentando uma relação colonialista onde o norte do globo norteia as práticas político-culturais por meio de discursos ideológicos que mantém seu status quo em relação ao sul dominado, inclusive epistemologicamente (DIAS e OLIVEIRA, 2012, p. 28).

Através da pedagogia freireana, o compromisso com a educação popular nos aproxima das pedagogias críticas, do materialismo histórico-dialético, das teorias feministas, ética da libertação, da filosofia da práxis (MORETTI, E ADAMS, 2017) e porque não, da questão ambiental crítica na AL (COSTA E LOUREIRO, 2014; 2015, 2017). A AL se inseriu nas temáticas e, com isso, foi abrindo interlocução com novas abordagens epistêmicas numa visão crítica descolonial. Por outro lado,

Comprometida com a denúncia do prolongamento do colonialismo internalizado no oprimido, com a invisibilidade de sujeitos e de formas de conhecimentos colocados na subalternidade, a crítica do processo civilizatório e à razão moderna ocidental consolidou um grupo de pesquisadores e de (poucas) pesquisadoras em torno de um programa chamado Colonialidade/Modernidade (MORETTI, E ADAMS, 2017, p. 197).

Assim, a principal referência tem sido a educação libertadora, em perspectiva com o processo colonial, onde passamos a entender a educação e a pedagogia desde a perspectiva da

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

colonialidade. Isso indica que, os termos *descolonial e descolonialidade* não correspondem à concepção de simples “desfazer”, mas de reconhecer que incorporamos muitas heranças do processo histórico de dominação-libertação, do saber/conhecer e poder, ainda que se tenha resistido e criado alternativas que ocorram no espaço da produção da vida social. Para Walsh (2013), o decolonial denota, então, um caminho de luta contínua no qual se pode identificar, visibilizar e alentar lugares de exterioridade e construções alternativas. Quijano (2014), postula que descolonialidade, pode ser entendido como uma contínua produção democrática, uma vez que está contra toda maneira de dominação-exploração na existência social. De todos os modos, parece-nos importante a visão comum de contradição e conflitos entre conquistadores/colonizadores e conquistados/colonizados, o entendimento histórico do colonialismo (MORETTI E ADAMS, 2017).

Em Freire, encontramos o caráter libertário na ação contrária e dialética do processo colonial, pois os espaços abertos entre a cultura dominante e a resistência da dominação são relevantes para a síntese cultural. Logo, “a descolonização das “mentes” remete a uma independência pedagógica que faz no caminhar livre na cultura à qual se pertence e que já se encontrou com a outra, porém que enfrentou a mimetização daquela, a invasora” (MORETTI E ADAMS, 2017, p. 2000). O ponto de partida é que o colonialismo (jugo territorial, social e político) perdura dentro da modernidade (MIGNOLO, 2017), embora o colonialismo moderno chegou-se a colonialidade global que apenas escamoteia as formas de dominação-exploração, de controle e de dependência das ex-colônias (sul) em relação aos países centrais (norte).

Concebemos que a Freire foi também precursor do pensamento crítico descolonial. Em suas obras como *Educação como prática de liberdade, Pedagogia do Oprimido, Educação e mudança, Carta à Guiné Bissau*, identificamos uma crítica ao processo civilizatório alicerçado na colonização e na colonialidade (MORETTI E ADAMS, 2017). Em *Carta à Guiné*, relata a que o modelo de educação existente reproduz a ideologia colonialista incutindo nas crianças e nos jovens o perfil de seres inferiores, incapazes, cuja única salvação estaria em tornar branco ou preto de alma branca (FREIRE, 1978B). Tal perspectiva indicava o descaso e negação da forma de ser dos nativos: sua história, cultura, sua língua, pois “foi uma colonização predatória, à base da exploração econômica onde o poder do senhor se alongava às terras e às gentes. A larga base escravista não comportava uma estrutura política democrática e popular” (FREIRE, 1978b, p. 69).

Segundo o educador brasileiro, boa parcela dos intelectuais pensou a realidade do Brasil como um objeto do pensamento europeu e depois norte-americano. Para ele, dando as

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

costas ao próprio mundo, (...) introjetando a visão europeia sobre o Brasil como país atrasado, negavam o Brasil (FREIRE, 1978b, p.98).

Para Moretti e Adams (2017), Freire assinalava superar a colonialidade pela desalienação que implicaria não mais importar técnicas e tecnologias que contrariassem o fortalecimento da criatividade. Freire, propunha o caminho da descolonialidade para AL pela via crítica de um compromisso com o destino do país, com o povo, na busca do “ser mais” concreto (FREIRE, 1978b, p. 12).

Situamos concepção educativa de Paulo Freire numa perspectiva problematizadora, apontando uma dimensão epistemológica e política, ou seja, a de não apenas conhecer a opressão e a desumanização social vivenciada na sociedade capitalista, mas, sobretudo, de transformá-la (DIAS e OLIVEIRA, 2012). Sendo assim:

O pensamento crítico de Freire se organiza no entrecruzamento de dois eixos: o da radicalidade e o da totalidade. Radicalidade, não no sentido de radicalismo, mas no sentido de empenho em buscar as raízes ou origens das coisas e da História. É o empenho de compreensão dos fenômenos por sua gênese ou historicidade. Totalidade, no sentido de empenho por compreender cada fenômeno, cada acontecimento, cada processo, cada problema, dentro do conjunto de que faz parte, supondo-se que todo acontecimento é parte de um todo, e que para compreender a parte é preciso compreender a totalidade da qual ela é parte (CASALI, 2008, p.9).

No texto “Descobrimento da América” em seu livro *Pedagogia da indignação* (1977), que Freire escrito em 1992, por ocasião do V Centenário, sua reflexão começa de forma taxativa: “o passado não se muda!”.

Assim, indagado sobre o que tinha a dizer em relação ao descobrimento, afirmou: “Não penso nada sobre o ‘descobrimento’ porque o que houve foi uma conquista” (p. 73). Freire denuncia a invasão e a presença predatória do colonizador na América Latina (AL), pois as marcas da dominação e da subalternidade estendeu-se para além das terras e gentes, à dimensão histórica e cultural dos invadidos que foram considerados inferiores. Segundo ele: “nada disto pode ser esquecido quando, distanciados no tempo, correms o risco de ‘amaciar’ a invasão e vê-la como uma espécie de presente ‘civilizatório’ do chamado Velho Mundo” (FREIRE, 2000, p. 74).

O educador propõe que, ao invés de homenagear os dominadores, se homenageassem os que lutaram e continuam hoje lutando contra as invasões, nas lutas dos conquistados. “O futuro é dos Povos e não dos impérios!” (p.76).

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Streck e Adams (2010) indicam que “pela vontade de serem eles mesmos, os povos latino-americanos podem cultivar um sonho possível, inspirados nas utopias alentadas por heróis que não tiveram reconhecimento na história oficial”. Freire pontua a reflexão concernente ao “pensar certo” sobre a realidade, desde o contexto latino-americano que se caracterizou historicamente pela cultura do silêncio (*Ação cultural para a liberdade*, Freire (FREIRE, 1977)). Destacamos que:

Frantz Fanon (*Os condenados da Terra*) e Albert Memmi (*Retratos do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*) foram inspiradores de Freire na análise de que “os condenados da terra”, os oprimidos, introjetam a ideologia dominante, mas podem extrojetar os opressores quando, pela reflexão, tomam distância e objetivam as formas de sua presença, expulsando-os de sua cultura (STRECK E ADAMS, 2010, p. 36).

Segundo os pesquisadores, é uma tarefa que exige clareza para compreender que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico e político. A concepção pedagógica não pode deixar de compreender a relação com as heranças histórico-culturais que marcaram nosso continente (STRECK E ADAMS, 2010).

A proximidade de Freire com a AL ampliou-se a partir da experiência do exílio em outros países, com destaque para o Chile. Após a publicação do Documento Episcopal da Conferência de Medellín (1968), que denunciou a injustiça institucionalizada, Freire apontava: “Não há anúncio sem denúncia, assim como toda denúncia gera anúncio. Sem este, a esperança é impossível” (FREIRE, 1977, p. 59).

Na obra *Ação cultural para a liberdade*, sob o título: “O papel educativo das Igrejas na América Latina”, escrito em 1971, destacava a dura realidade do povo latino-americano, cujo problema fundamental “não é a ‘preguiça do povo’ ou sua ‘inferioridade’ ou sua ‘falta de educação’, mas o imperialismo [...] como uma realidade tangível, como uma presença invasora, destruidora” (1977, p. 112). Por fim, Freire defende a impossibilidade de uma neutralidade política das Igrejas e, em decorrência, “a concepção da educação, seus objetivos, métodos, conteúdo, tudo está condicionado pela opção resultante desta impossibilidade” (p. 116).

Sem pontuar a Teoria da dependência, refere-se ao esforço de economistas e sociólogos ligados à Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e ao Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social (ILPES), faz uma crítica veemente aos interesses imperialistas e seus aliados nos próprios países e denuncia um projeto de desenvolvimento que não passa de uma modernização conservadora, uma forma de “humanização do capitalismo”, em vez da sua transformação radical. Para Freire, o real

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

desenvolvimento da AL seria viável na medida em que resolvesse a contradição fundamental que configura a dependência em nossos países: diante aos projetos de expropriação articulados pelas elites locais com os interesses imperiais, propor soluções a partir dos oprimidos (FREIRE, 1977). Para Streck e Adams (2010, p. 37),

Em *Pedagogia do oprimido*, “América Latina” aparece quatro vezes (e latino-americanos, duas) no contexto de denúncia à “guerra invisível” da miséria, suas causas estruturais e responsabilidades. Ao superar a “aderência” e a “cultura do silêncio”, os oprimidos passam a reconhecer, através da ação cultural, que são capazes de ser seres transformadores da realidade.

Por tudo que foi destacado, assinalamos que a leitura crítica do contexto de opressão vivenciada na AL, compreendemos que Freire contribui na perspectiva de uma pedagogia crítica descolonial. Tal horizonte encontra consonância com a perspectiva *transmoderna* de Dussel (2005), como um projeto mundial de libertação política, econômica, ecológica, erótica, pedagógica, religiosa, etc, correspondendo à ética da libertação que o filósofo argentino propõe para além da modernidade e da pós-modernidade, visto que a última continua sendo eurocêntrica (DUSSEL, 2000). Isso afirma que:

É inescapável a compreensão de que alguns sujeitos sociais, indistintamente de suas origens pátrias, étnicas, raciais ou de gênero, todos esses se encontram por uma mesma perspectiva: adversa condição de dominados por um modelo, ameaçados, subjugados, injustiçados, exterminados por serem ao mesmo tempo explorados nos processos de acumulação da riqueza (LAYRAGUES, 2014, p. 8-9).

Conseqüentemente, o pensamento crítico descolonial tem no horizonte, a libertação daqueles sujeitos que habitam as periferias negadas pelo sistema-mundo moderno-colonial, a possibilidade do “vir a ser mais”.

Para o enfrentamento destas questões, O artigo está sistematizado em três momentos: no primeiro, introduziremos a discussão sobre a descolonialidade e a interlocução em Paulo Freire na AL. No segundo momento, refletiremos a relação entre descolonialidade e a questão ambiental à luz das aproximações em Freire. Nas considerações finais, explicitaremos as contribuições de uma perspectiva descolonial do educador brasileiro para o debate ambiental crítico.

## Questão Ambiental e Promoção da Saúde

### 2 Descolonialidade e questão ambiental: aproximações à luz de Paulo Freire

No entendimento de Layrargues (2014, p. 11):

Paulo Freire é um dos principais autores citados nas publicações sobre Educação Ambiental no Brasil – fenômeno que por si já chama a atenção para entendê-lo - , seria natural mesmo que se procurasse entender os motivos dessa unanimidade nacional (...) afinal de contas, qual a contribuição da obra de Paulo Freire para a Educação Ambiental.

Assim, cabe situarmos a relevância política e pedagógica evidenciada de Paulo Freire em seu diálogo com o campo ambiental. Freire não se declarou um ambientalista, mas um educador, nem nunca produziu sobre o campo ambiental, mas fez a conferência de abertura da Jornada internacional de Educação Ambiental na Eco-1992. Apontamos algumas razões que justificam a aprovação do educador pernambucano naquela ocasião (LOUREIRO, 2009, p. 25):

Primeiro, porque ele era a expressão vivida de uma educação popular e libertadora, voltada para a superação da opressão e da alienação no capitalismo e dos seus efeitos no processo de dissociação entre humanidade e natureza. Segundo, porque foi um dos marcos iniciais no Brasil do entendimento dialético da função desempenhada pela educação na sociedade (...). E terceiro, porque sua visão de educação como um processo dialógico pelo qual nos educamos mutuamente mediados pelo mundo e em nome de uma “ética da vida” era perfeitamente compatível com a Educação Ambiental em sua tendência crítica e popular, com a qual boa parte dos organizadores e participantes desse evento estavam afinados.

É a partir dessa compreensão que Freire assinala a impossibilidade de superação das contradições das relações sociais vigentes por meio da educação reprodutora da sociedade capitalista, à qual denominava de “educação bancária”. Uma “educação bancária”, para ele, é aquela que favorecia uma educação conservadora, que servia para ajustar condutas, adaptar e aceitar a sociedade como ela é. Em síntese, procurava fazer que os excluídos da mesma vivam melhor, mas sem problematizar a sua realidade e condição, ou seja, uma educação que procura “transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime” (FREIRE, 1987, p. 60).

Feitas as observações iniciais sobre importância de Freire no debate ambiental, vislumbramos que a noção de *Natureza*, em Freire, emerge como conceito de mundo no sentido de mundo físico (*physis*): o mundo dos fenômenos cósmicos, objetivo, ainda que ele não tenha se preocupado em expor de modo positivo a ontologia da *physis*. Ou seja, ainda Freire não objetiva uma *problematização da Natureza em si mesma*. A noção de Natureza

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

comparece em seus textos sugerindo uma tácita *outridade* de onde emerge a Cultura, quer dizer, como pura imediateidade. Entendemos que:

O homem, o ser humano, distingue-se do mundo objetivo e constitui-se em cultura na medida em que, ao transformar o meio ambiente físico através do trabalho, empresta ao mesmo ambiente uma face, um caráter humanizado. Nesse nível de apreensão, o ser humano é, ontologicamente, Cultura na medida em que, ao diferenciar-se do mundo objetivo por meio do trabalho e premido pela temporalidade, percebe-se como criador e recriador de *mundos* (CALLONI, 2010, p. 284).

Na obra *Educação e Mudança*, a concepção de realidade surge consubstanciada à noção de mundo e de Natureza: Para ele: “Partíamos dizendo que a posição normal do homem [...] não era só a de estar *na* realidade, mas de estar *com ela*. A de travar relações permanentes com ela, cujo resultado é a criação concretizada no domínio cultural” (FREIRE, 1986, p. 67). Logo:

A Natureza é o acesso imediato de mediação entre o ser humano e o mundo objetivo da *physis* a fim de revelá-lo ser de Cultura. Como Cultura, o homem passará a representar o mundo através de sua (humana) intervenção e transformação, moldá-lo à sua maneira de ser e estar *na* e *com a* Natureza (CALLONI, 2010, p. 285).

Lembremos que o educador brasileiro usa o termo *mundo* para expressar a Natureza e a Realidade e que o estatuto de *mundo*, em Freire, é presidido pela distinção ontológica do reino cultural (*liberdade*) do reino natural (*necessidade*) que é dada através da intencionalidade, isto é, *consciência de...* Ou seja: “O ‘mundo’ do animal, que não sendo rigorosamente mundo, mas *suporte* em que está não há ‘situações limites’, pelo caráter a-histórico do segundo, que se estende ao primeiro” (FREIRE, 1987, p. 91).

A Natureza é, nesse sentido, explicitada como suporte. Ou melhor, o mundo só é efetivamente *mundo para* o homem que se descobre livre *para* transformar e agir sobre ele. O animal está imerso no suporte (e não inserido, em relação), na natureza, no mundo físico, enquanto o homem pode emergir desse mesmo mundo em forma de cultura.

Sendo assim, seria possível relacionarmos a questão ambiental e a descolonialidade? Desafio inevitável que passa pelo reconhecimento da dimensão intercultural em Freire. Tal perspectiva de natureza em Freire tem implicações no debate ambiental crítico, mas a descolonialidade encontra interlocução teórico-política à luz da *interculturalidade*. Consequentemente,

A interculturalidade em Paulo Freire tem como referência, não apenas a compreensão de que há diferenças entre as culturas e tensões entre elas, mas, sobretudo, a valorização das relações interculturais, que pressupõe a dialogicidade e



### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

a eticidade. Relações de respeito que se dimensionem como uma síntese cultural, viabilizando a dinâmica criadora do processo de produção cultural (OLIVEIRA, 2012, p. 120).

Constatamos que os povos tradicionais têm seu acesso a direitos sociais silenciados, questionados e violentados no Brasil, principalmente aos indígenas e quilombolas, tendo dificuldades para atuação equânime nos espaços decisórios e de representação de suas políticas (LOUREIRO, 2019). Sendo assim:

É inescapável a potencialização de sentimento de inconformismo, revolta, indignação contra tudo isso que vem sendo feito aos seres humanos e à natureza unicamente para satisfação de uns poucos que miseravelmente sabem como manusear e preservar o poder em benefício próprio, mesmo cientes de todas as implicações negativas disso (LAYRARGUES, 2014, p. 9).

Tais povos são grupos que possuem um grau de vínculo de seus territórios, e práticas econômicas e culturais estabelecidas na reprodução das condições básicas de vida. Logo, as técnicas tradicionais são transmitidas no contato com a terra pelo trabalho, respeitando ciclos da natureza com as quais interagem. Na compreensão de Loureiro (2019, p. 76): “a perda de seus laços vitais com o território produzido e significado culturalmente, constitui a perda do que há de mais sagrado para os povos tradicionais. Para eles, a vida não tem preço e seus territórios não podem ser trocados como mercadorias”.

Sendo assim, a interculturalidade no educador brasileiro é crítica, considerando que a mesma problematiza a estrutura social vigente evidenciando as relações de poder e possui como ponto de partida o processo histórico de submissão e subalternização. Freire preocupa-se com as práticas de desumanização e exclusão que privilegiam uns sobre outros, naturalizando as diferenças e ocultando a desigualdade social (OLIVEIRA, 2012). Há nesta questão um tensionamento cultural por serem diferentes nas relações democráticas, inclusive por se acharem num permanente processo de construção (FREIRE, 1993a). Ou seja, caracteriza-se por ser uma criação histórica e que implica a convivência num espaço de culturas diferentes. Neste viés, compreendemos a tese da “unidade na diversidade”; a necessidade de reconhecer a diferença entre culturas, especificidades das opressões, mas também, de que a luta pela libertação tem de ser coletiva, congregando forças políticas (OLIVEIRA, 2012).

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Desse modo, a interculturalidade freireana aponta para a relevância das relações entre as culturas, não se restringindo à questão de se compreender a cultura do outro. O importante é compreender a relação entre as culturas (FREIRE, 2004). Logo, “[...] o problema é de relação: a verdade não está nem na cultura de lá e nem na minha, a verdade do ponto de vista da minha compreensão dela, está na relação entre as duas” (FREIRE, 2004, p. 75). Podemos dizer que:

Paulo Freire, então, aponta nas relações interpessoais, a necessidade de não se impor ao outro a forma de ser de uma dada cultura, mas também de não se negar ao outro a curiosidade de saber mais do que a sua cultura propõe, existindo, nesta relação de respeito à cultura do outro, certa complexidade (OLIVEIRA, 2012, p. 122).

À vista disso, reconhecer as diferenças pressupõe o “respeito ao outro” e à “identidade cultural do outro”, pois o respeito ao outro implica na recusa e oposição radical à discriminação de qualquer tipo: racial, de gênero, de classe, cultural etc. (FREIRE, 2001a). Para Freire e Faundez (1985), é importante o descobrimento do Outro, das diferenças, para a descoberta do ser humano, e da importância de partir do Outro, “como cultura, uma cultura diversa”, rumo à práxis transformadora da realidade. Em vista disso, destacamos que:

O diálogo intercultural presente não é apenas, nem principalmente um diálogo entre os apologistas de suas próprias culturas, que intentariam mostrar aos outros as virtudes valores de sua própria cultura. É, antes de tudo, o diálogo entre os criadores críticos de sua própria cultura (intelectuais da “fronteira”, entre a própria cultura e a Modernidade). Não são dos que meramente defendem de seus inimigos, senão os que primeiramente recriam desde os supostos críticos que se encontram na sua própria tradição cultural e da mesma Modernidade que globaliza. A Modernidade pode servir como um catalizador crítico (se a usa a mão experta da crítica da própria cultura). Mas também, não é sequer o diálogo entre os críticos do “centro” metropolitano com os críticos da periferia cultural. É, antes de tudo, um diálogo entre os críticos da periferia, um diálogo intercultural Sul-Sul, antes de passar ao diálogo Norte-Sul (DUSSEL, 2004, p. 199).

Surge então, um horizonte político que busca a afirmação da interculturalidade na questão ambiental, indicando o rompimento de uma lógica excludente e o desigual e o respeito da cultura do diverso. Tal lógica não deve estar alicerçada nos direitos individuais e da propriedade privada, mas, sobretudo, na efetivação da “libertação” da natureza sob o julgo mercantil.

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Paulo Freire problematiza a exclusão e a interculturalidade das classes na AL, onde a estrutura do projeto societário capitalista contribui para a manutenção da realidade apresentada, pois entendemos que:

Freire não somente destacou em seu pensamento educacional a cultura, como tratou em suas obras sobre a interculturalidade. O “diálogo”, o “debate epistemológico das relações entre os saberes” e “ético-político das relações entre as culturas” aproximam a educação popular de Paulo Freire da educação intercultural crítica e evidencia a importância de se aprofundar os estudos sobre a educação popular freireana, na busca de compreenderem-se questões sobre a diversidade cultural. A educação popular freireana, ao problematizar a opressão social, aponta para segmentos sociais discriminados por fatores étnicos, de gênero, entre outros, além do de classe social, consolidando suas ideias pedagógicas, na construção de uma educação intercultural e libertadora (OLIVEIRA, 2011, p. 123).

Em consequência disso, a contribuição freireana constitui uma referência no debate ambiental crítico, uma vez que seu pensamento é um marco constitutivo desta, cuja potencialidade está justamente na quebra de uma concepção ambiental normativa, acrítica e instrumental que não compreende a natureza conflitiva da sociedade capitalista e nem respeita o saber e a educação popular. Então, acreditamos que Freire tenha inegável contribuição neste debate, pois:

Para que o pensamento freireano possa contribuir de fato na construção de outro mundo, que seja socialmente justo, ecologicamente prudente, politicamente atuante, culturalmente diverso, economicamente suficiente, ele não pode ser compreendido de forma superficial, desatenta, ingênua, descompromissada. Se assim for, o projeto torna-se inócuo, estéril, e tudo não passará de palavras vazias de sentido, jogadas ao árido vento da ilusão de que estamos em curso na mudança por outro modelo societário (LAYRARGUES, 2014, p. 12).

Paulo Freire traz a todos educadores uma possibilidade política e pedagógica de refletir e enfrentar de forma radical as formas injustas de opressão na AL, que impedem a sua libertação social, a partir do respeito e da tolerância às diferenças culturais, e sem perder de vista o horizonte da igualdade e da libertação.

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

## 3 À GUIA DE CONCLUSÃO: PARA ALÉM DA COLONIALIDADE NO DEBATE AMBIENTAL EM FREIRE

À luz do que já foi dito, a contribuição do pensamento de freireano para a descolonização no campo ambiental, consiste na crítica à sociedade capitalista ancorada em categorias libertadoras acompanhadas pelo respeito aos povos originários e tradicionais, sua cultura, seus costumes e modos de produção, firmando o diálogo de saberes que vise o enfrentamento do projeto civilizatório eurocêntrico e possibilite a afirmação de identidades próprias.

De outro modo, a visão descolonial exemplifica no caso de indígenas e quilombolas, os interesses econômicos e política que encarnam historicamente o racismo no Brasil, pois a pressão política avança em parte da população que aceita que tais povos são atrasados, inferiores e primitivos seus modos de vida. Assimetrias que podem ser constatadas num Estado que subordina e inferioriza essas populações no modo de vida urbano, no controle dos territórios e nas relações de trabalho assalariadas.

Consequentemente, a luta pela soberania territorial e pela diversidade cultural dos povos tradicionais e seu reconhecimento estatal e da sociedade não é somente uma questão de dívida histórica, mas de garantir direitos sociais e a existência de seus modos de vida distintos dos interesses do capitalismo e de seu padrão societário (LOUREIRO, 2019).

Dessa maneira, a contribuição freireana postula que a práxis de libertação não é um ato final, mas constante, que relaciona os sujeitos entre si na realidade que produz o oprimido. Nisso reside a necessidade da conscientização e da transformação. Indicamos que Freire é “um educador da “consciência ético-crítica” das vítimas, dos oprimidos, dos condenados da terra, em comunidade transformadora” (SILVA, 2012, p. 104).

O educador brasileiro quer efetivar uma “práxis libertadora” que tem concretudes sociais e políticas, frente a lógicas excludentes e desiguais para o ser humano e destrutivas da natureza. Portanto, Freire pretende contribuir noutra realidade a ser construída pelos *povos e culturas* no contexto de supressão da dignidade humana, visto que se trata de uma rebeldia encarnada na história em favor dos expropriados e oprimidos. Segundo Layrargues (2014, p. 10):

Paulo Freire é tudo isso. É o facho de luz do farol que ilumina o caminho, é a clareza que dá a segurança, é a torre que dá o fundamento, é a energia que comove e movimenta, é a certeza que dá a esperança. Paulo Freire nos brinda com uma fórmula possível de lidar e transformar a realidade presente no mundo. A leitura e compreensão do mundo em Paulo Freire é a possibilidade de se construir outro projeto societário por meio da Educação. Aliás, poderíamos dizer ser essa inclusive “a dimensão freireana da Educação”.

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

À luz da pedagogia crítica de Freire, um elemento a ser ressaltado para um trabalho educativo com povos tradicionais é superar a visão restrita de que a tradição transmitida é algo estático, condenado a desaparecer com o progresso científico e material. Para Loureiro (2019, p. 85):

esse é um entendimento etapista que se consolidou com a colonização e a hegemonia do pensamento burguês. A forma de tentar justificar o domínio e a destruição do outro é tornar universal a crença de que o capitalismo é a única forma social “fiel” à natureza humana” (...). sendo, portanto, aceitável que outras civilizações e culturas sejam eliminadas por um processo seletivo, como se fosse natural.

Concebemos que partindo de Freire, a descolonialidade não através de uma metodologia ou de uma técnica pedagógica inovadora a ser implantada mantendo-se o sistema como está, uma vez que não existe descolonialidade sem uma consciência histórica. Para Zanotelli (2014, p. 497-498):

É preciso começar pelo começo, como nos ensinou Paulo Freire. E, então: não há educação para a liberdade sem consciência histórica e que não conduza à consciência histórica. Consciência da Colonização em seus múltiplos aspectos, consciência dos *fundamentos* (econômicos, políticos, sociais e culturais) do projeto colonizador, consciência das *raízes* do projeto, especialmente no antes e depois da constituição do Estado de Cristandade; consciência da contraposição dialética entre a posse da *comunidade e a propriedade* trazida pelos indo-europeus; consciência dos *alcances e limites* da colonialidade, e da perspectiva utópica de sua superação.

A conclusão a que chegamos, é que Freire é a porta de entrada teórico-política em função de sua intenção problematizadora cuja finalidade rompe de forma definitiva com o senso comum já alicerçado de compreender a questão ambiental de maneira conteudista, normativa, instrumental, acrítica, a-histórica e neutra. O educador brasileiro, oportuniza a todos os educadores ambientais que reconhecem no seu pensamento as alternativas de enfrentamento e superação das formas de opressão, controle e poder autoritário, as condições político-pedagógicas para o adensamento das forças sociais progressistas (LAYRARGUES, 2014).

Mais ainda, Freire em pedagogia descolonial latino-americana ganha um caráter universal, aqui compreendida com radicalidade. Com ele vamos à raiz, onde vemos ampliadas o círculo de possibilidades, bem recuperamos as pedagogias de povos silenciados durante séculos de dominação e colonialidade, pois o “silêncio” denunciado pelo educador pernambucano também se manifesta nos silenciamentos de práticas transformadoras

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

(STRECK, 2010). Isto quer afirmar que “não teremos consciência histórica, nem superaremos a colonialidade na qual fomos e estamos imersos, se não superarmos, antes de tudo, o *helenocentrismo* e, depois, o *eurocentrismo*, localizando-nos apenas como periferia do centro, moldados pelo centro e aspirando a ser o centro” (ZANOTELLI, 2014, p. 497).

A perspectiva teórico-política descolonial e a libertação pensadas à luz dos elementos da pedagogia freireana contrapõe uma visão de natureza que expressa, reproduz e fundamenta a colonização que marca nossos saberes, práticas e poderes. À rigor, a descolonização do saber exige uma consciência histórica das suas origens, caminhos e novos horizontes políticos possíveis (ZANOTELLI, 2014).

### REFERÊNCIAS

ADAMS, T; STRECK, D; MORETTI, C (Org). **Pesquisa-ação**: mediações para a transformação social. Curitiba: Appris, 2017.

CALLONI, H. Natureza. In: STRECK, D et all (org): **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 284-286.

CASALI, A. Paulo Freire e outras correntes do pensamento e ação. O Pensamento complexo, Teologia da Libertação, Justiça restaurativa, Teatro do Oprimido e Planejamento estratégico e situacional. In: SILVA, Inácio da Silva (Org.). **O Pensamento de Paulo Freire como matriz integradora de práticas educativas no meio popular**: ciclo de seminários. São Paulo: Instituto Pólis, 2008. p. 9-20.

COSTA, C; LOUREIRO, C.F.B. Educação Ambiental Crítica: uma leitura ancorada em Enrique Dussel e Paulo Freire. UFMT, **Revista Georaguia**, v. 3, n, 2, 2014. p. 83-99.

\_\_\_\_\_. Interculturalidade, exclusão e libertação em Paulo Freire na leitura de Enrique Dussel: aproximações crítico-metodológicas para a pesquisa em Educação Ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 10, n. 1, 2015. p. 70-87.

COSTA, C. A.; LOUREIRO, C. F. O alcance teórico das categorias “exclusão e libertação” para a questão ambiental: uma leitura ancorada em Dussel e Freire. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. 234–257, 2017.

DIAS, A; OLIVEIRA, I. Um olhar Dusseliano sobre a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire: contribuições para a epistemologia do sul. In: OLIVERIA, I; ARAÚJO, Monica; CAETANO, Vivianne (Orgs.). **Epistemologia e Educação**: reflexões sobre temas educacionais. Belém: PPGED-UEPA, 2012, p. 24-35.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 55-77.

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

\_\_\_\_\_. **Ética da libertação:** na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Transmodernidade e Interculturalidade (Interpretação desde a Filosofia da Libertação). In: FORNET, BETANCOURT, R. **Interculturalidade:** críticas, diálogo e perspectivas. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

\_\_\_\_\_. **Cartas à Guiné Bissau.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978b.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993a.

\_\_\_\_\_. ; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LAYRARGUES, P. A Dimensão freireana na Educação Ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B;

TORRES, J (Orgs). **Educação Ambiental:** dialogando com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2014. p. 7-12.

LOUEIRO, C. F. **Questão Ambiental:** questões de vida. São Paulo Cortez, 2019.

\_\_\_\_\_. **Trajétória e fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo: Cortez, 2009.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **RBCS**, vol. 32, n. 94, junho/2017, p. 1-18.

QUIJANO, A. **De la dependencia histórico-estructural a ala Colonialidad/descolonialidad.** Buenos Aires: Clacso, 2014.

SILVA, José Vicente Medeiros da. Filosofia, responsabilidade e educação em Enrique Dussel. **Perspectiva Filosófica**, Recife, v. II, n. 38, ago./dez. 2012, p. 91-107.

STRECK, D et all. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

### Questão Ambiental e Promoção da Saúde

STRECK, D; ADAMS, T. América Latina. In: STRECK, D et all (org): **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 36-37.

STRECK, D. Paulo Freire e a consolidação de um pensamento pedagógico na América Latina. In: STRECK, D (Org). **Fontes da pedagogia latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica: 2010. p. 329-345.

WALSCH, C. **Pedagogias decoloniales**. Quito: Abya Yala, 2013.

ZANOTELLI, J. Educação e descolonialidades dos saberes, das práticas e dos poderes. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 23, n. 53/2, p. 491-500, 2014.

### **SOBRE O AUTOR**

#### **CÉSAR AUGUSTO COSTA**

Sociólogo. Docente e pesquisador permanente no Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas/UCPEL com atuação na Linha de Pesquisa: "Questão Social, Trabalho, Sociabilidades e Resistências Políticas" onde atualmente desenvolve o projeto: "Movimentos sociais, resistências e lutas ambientais: implicações à luz do padrão de sociabilidade do capital na América Latina". Coordenador do Núcleo de Estudos Latino-Americano (NEL/UCPEL) e Pesquisador do Laboratório de Investigações em Educação, Ambiente e Sociedade (LIEAS/UFRJ). Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Direito e Justiça Social da Universidade Federal do Rio Grande/FURG com a pesquisa: "A Perspectiva filosófico-política de Enrique Dussel: Implicações à luz do ambientalismo latino-americano e da Justiça Ambiental". Doutorado em Ciências Humanas (Área de concentração - Educação) na Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Possui Mestrado em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005), Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (2003) e Graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pelotas (2002).